

AUSÊNCIA AGUDA PRESENÇA

ELISA PESSOA

FÁBIA SCHNOOR

MARIE-CECILE CONILH DE BEYSSAC

VALERIO RICCI MONTANI

YULI ANASTASSAKIS

Texto SESC

AUSÊNCIA

Atillio Bertolucci

Ausência,
Mais aguda presença.
Vago pensar em ti
Vagas lembranças
Perturbam essa hora
E o doce sol.
Doido o peito
Te leva,
Como uma pedra
Leve.



Ausência Aguda Presença é uma exposição coletiva que reúne cinco artistas, convidados pela também artista Fábila Schnoor, a partir da proposta para que integrasse o programa 'Fotografia no Espaço', do Espaço Sesc. Todos os trabalhos dialogam com as questões da memória, da presença e da ausência, expandindo os conceitos clássicos da fotografia. A mostra apresenta, com diferenças, questões relativas à imagem, trabalhando fotografia e vídeo. Como é dito no conceito da exposição: "Embora cada um desses artistas use procedimentos diferentes para a construção de sua poética, aqui as confluências e contrastes dos trabalhos propiciam articulações diversas acerca da construção da imagem, da memória, da ausência e presença, do que contém e do que está contido, que despontam em todos os trabalhos".¹ "O convite para esse en-

contro se deu a partir da escolha dos trabalhos de artistas contemporâneos que usassem a fotografia como suporte, e pudessem estabelecer o diálogo com as questões da memória, do tempo, do espaço",² assinala Fábila Schnoor.

Apresento os artistas, reiterando o caráter experimental do encontro.

Elisa Pessoa, desejando registrar o movimento, começa a trabalhar com super 8 e, hoje, apresenta imagens em tamanho real, numa escala 1:1. Segundo a artista, é uma forma de brincar com a confiança que se tem na imagem como prova de uma suposta realidade, isto é, brincar com a ausência e a presença. Utiliza-se de projeções sobre projeções, dando origem a diferentes volumes e texturas. Os dispositivos usados pela artista, criando quartos, portas e outros elementos, fazem desconfiar do que se vê. Em algum

momento, porém, se percebe a materialidade da imagem. Buscando uma interação com o espectador, Elisa coloca, na exposição $\frac{1}{4}$, sensores que fazem a imagem reagir aos movimentos reais, mostrando, como assinala Luisa Duarte, "que aquilo é construção, imagem, simulacro. Somos simultaneamente chamados para o jogo no qual acreditamos e lembrados do caráter "falso" daquela espécie de cinema relacional". Na atual exposição, *Encontro*, filmado com sua filha, igualmente como imagem-simulacro, nos apresenta algo que a artista diz se relacionar com sua própria história.

"Quero criar imagens abertas o suficiente para que cada um possa projetar ali seus próprios afetos, suas referências e memórias", afirma **Yuli Anastassakis**. Agregando fotos de família e de amigos, e imagens capturadas da Google Street View, Yuli borda essas imagens, limpas de quais-

quer interferências que não as pessoas. Bordar como maneira de frear o tempo, reconstruindo a imagem de forma lenta e resistindo "ao aceleração do tempo".³ Ao capturar as imagens do GSV, a artista sabe que são outros tempos e outros espaços, que aconteceram e não são mais acessíveis. Seu interesse pelas imagens do GSV a tem levado a arquivá-las, organizando-as por temas e ideias, formando séries. Para a artista, o GSV pode ser considerado uma heterotopia – aglutinando *hetero*, prefixo de origem grega que significa 'o diferente' e que está semanticamente ligada à palavra *alter* (o outro), e a palavra *topia*, que significa lugar/espaço, resultando no que Foucault chamou de "o espaço do outro". É nesse espaço do outro justamente que a artista parece querer interferir.

Marie-Cécile Conilh de Beyssac está no Brasil há cerca de um ano e meio. Antes já havia mo-

rado sete anos em Tóquio. Quando chegou aqui, sem conhecer ninguém, começou a assinar as paredes, vidros, janelas, espelhos da sua casa na Urca com a mesma assinatura composta de dois pequenos retângulos pintados de preto que havia iniciado no Japão: ten-ten, cujo significado é pausa na imagem (ou imagem congelada).⁴ Começa também a fotografar seu ateliê. Como diz a artista, “meu novo ambiente íntimo torna-se um medium... um campo criativo direto, não “in progress”... mas “in discovery!”⁵ O Rio tem uma longa história na sua vida, pois sua avó era carioca e seus pais costumavam “fugir” para cá sempre que podiam. Tudo isso não impediu o imenso vazio sentido quando chegou – sem o seu ateliê e suas coisas vindo de navio. Os “casulos”, que também se iniciaram no seu atelier em Tóquio com restos do que sobrava quando as pinturas eram vendidas, foram mostra-

dos em uma última exposição que aconteceu após a partida de sua mudança e ganham outra versão no Rio. Começa, então, na sua casa ainda vazia no Rio, o projeto “casulos de expatriados”, extensão do projeto de Tóquio e de suas intervenções na casa. Convida pessoas expatriadas para dizer o que inspira a palavra “expatriação”. Realiza diversas exposições, em que apresenta instalações e fotos de situações cotidianas, de um cotidiano ainda desconhecido, feito de apagamentos e vazios com partes desenhadas diretamente sobre janelas, paredes e espelhos. São algumas dessas fotografias que serão apresentadas em Ausência Aguda Presença.

Valerio Ricci Montani, formado em escultura pela Universidade de Roma, vive no Rio. Trabalha com desenho, fotografia e escultura. Como diz, gosta de “trabalhar com o espaço, por vezes es-

cultura, por vezes instalação”.⁶ Servindo-se de objetos do cotidiano, o artista pinta, a mão, a metade do objeto de preto, “indo no sentido da inquietação da realidade”. Não se trata de photoshop, pois como assinala ainda, “uma imagem pode mudar de sentido com o trabalho do artista”.⁷ Depois escolhe os lugares onde os objetos serão fotografados em grandes dimensões. Segundo Alessandra Troncone, “a dialética real entre o continente (visível) e o conteúdo (invisível) é um *leit motiv* da pesquisa de Valerio Ricci, presente não apenas em sua escultura como também nos desenhos e em sua produção fotográfica recente”.⁸ Entre suas inúmeras exposições, realizou *Storage*, quando fazia residência no HSF (Harlem Studio Fellowship), em Nova York, em 2009, composta de 250 tijolos feitos, pintados e cozidos pelo artista ao longo dos três meses que aí passou. Ordenadas em uma

extensa grade, as cerâmicas amarelas-vitreo brilhantes pareciam um tapete de lingotes de ouro. “Os tijolos pareciam preciosos”, afirma o artista. Os visitantes eram convidados a levarem um tijolo, assinando um termo com seus contatos e o número que constava na peça. A estes era enviado, posteriormnte, um certificado de autenticidade. Esses proprietários se tornaram assim uma comunidade virtual que potencialmente podem refazer a peça. O trabalho remete às práticas artísticas dos minimalistas e dos conceituais, pois “ele cria um paradoxal curto-circuito entre o valor das coisas e o da experiência, investimento do tempo e os bens imóveis”.⁹ Diversos são os trabalhos de Valerio que se utilizam de objetos construídos, com autonomia formal, que são apresentados em fotografias, colocando em discussão a relação entre as dimensões bi e tridimensionais, bem como a

própria circulação das esculturas inscritas nas imagens. Por exemplo, cubos de roupa velha, formalmente arranjados, cada cor remetendo a uma pessoa, em um momento qualquer de sua vida. Ou ainda, *Giovane*, em que um jovem calçando sapatos “de ouro”, esculpidos em cobre bem dou- rado, é fotografado.

E, finalmente, **Fábia Schnoor**, idealizadora da exposição. Com uma bem sucedida produção em cerâmica, desloca-se para a arte contemporânea, trabalhando a memória como construção. Ou como afirma, “não o passado resgatado, mas sim uma parte dele, uma recriação desse tempo no momento presente”.¹⁰ Ligando, com fios, pontos deixadas pelas traças em um livro sobre animais, ou recriando naturezas mortas com a fotografia, a artista coloca em questão “tempo, escolha, acaso, percurso, construção”.¹¹ Tratando a expansão da

fotografia e sua possibilidade de diálogo com as várias artes, Fábia a relaciona à pintura, quer na natureza morta quer na documentação de corpos nus, quase na penumbra, apagando e revelando, buscando suscitar no espectador a construção de suas próprias imagens e relações. O mesmo se passa com o uso de *headphones* com sons do cotidiano, como passos, uma vassoura varrendo, sino da igreja, uma respiração e mesmo alho fritando, colocado dentro de uma cabine que traz escrito na entrada: “Que fotos você tem no seu arquivo?” A ideia é também suscitar nas pessoas as imagens ativadas, mentalmente, pelos sons es- cutados. São diálogos que Fábia cria, tornando a fotografia mais aberta e expandida, tornando-a imagem no seu sentido mais amplo.

NOTAS

1. Conceito da exposição. Enviado por Fábia Schnoor para a autora.
2. Fabia Schnoor. Escrito para a autora, 04.07.2013.
3. Yuli Anastassakis. Portfólio. Texto dado a autora.
4. Segundo a artista essa “dupla partícula... recaída de arquiteta, 10/10 tanto faz, esses dois retângulos se imiscuíram de tal forma no meu trabalho até se tornarem assinatura. Redução de um nome longo demais, aspas estilizadas. Eles resumem de maneira gráfica uma identidade duplamente composta. No Rio o “ten-ten” sai das minhas telas para se apropriar e marcar um território que descubro e deve torna- se meu.” In; e-mail para a autora em 03/07/213.
5. E-mail de Marie-Cécile para a autora, em 02/07/2013. A artista ajudou-me bastante a esclarecer sua trajetória. A ela meus agradecimentos.
6. Valerio Ricci Montani. Conversa com a autora em 14/06/2013.

7. Conversa com a autora em 14 de junho de 2013.
8. Alessandra Troncone. *Sparkling Gold is not just Outside*, in : *The Summer Issue*, 2011.
9. In: www.harlemstudiony.org | info@harlemstudiony.org
10. Fábia Schnoor. Carbono. Texto enviado para a autora.
11. Fábia Schnoor. Idem.

ELISA PESSOA



ENCONTRO, 2008
video

MORTO-VIVO, 2010
fotografia
70 x 25 cm





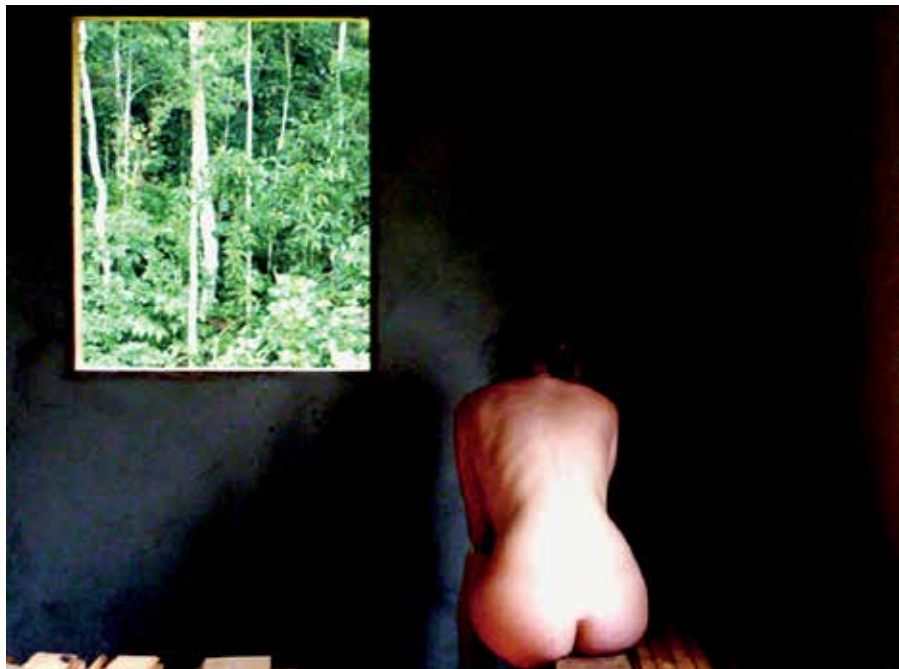
MENINAS AUTO-HORIZONTE, 2013

fotografia

85 x 25 cm

FABIA SCHNOOR





SÉRIE CASA #1, 2012
fotografia, impressão fine art
27 x 20 cm

SÉRIE CASA #4, 2012
fotografia, impressão fine art
19 x 15 cm

NATUREZA MORTA, 2013
fotografia, impressão fine art
40 x 30 cm

DEPOIS, 2013
fotografia, impressão fine art
45 x 20 cm



MARIE-CÉCILE CONLH DE BEYSSAC





CASULOS, 2013
fotografia, impressão fine art
95 x 63 cm

PAISAGENS ÍNTIMAS,
série REFLEXÕES, 2012
fotografia, impressão fine art
59 x 42 cm

CONTRA-SENTIDO, 2012
fotografia, impressão fine art
59 x 42 cm

MÃE, *SÉRIE AS CUECAS*
VERMELHAS, 2012
fotografia, impressão fine art
59 x 42 cm



VALERIO RICCI MONTANI



SOUL #1, 2011
fine art print
70 x 100 cm

SOUL #2, 2011
fine art print
70 x 100 cm

UNTITLED, 2006
lápiz sobre papel
200 x 150 cm

GIOVANE, 2011
fine art print
70 x 100 cm





YULI ANASTASSAKIS





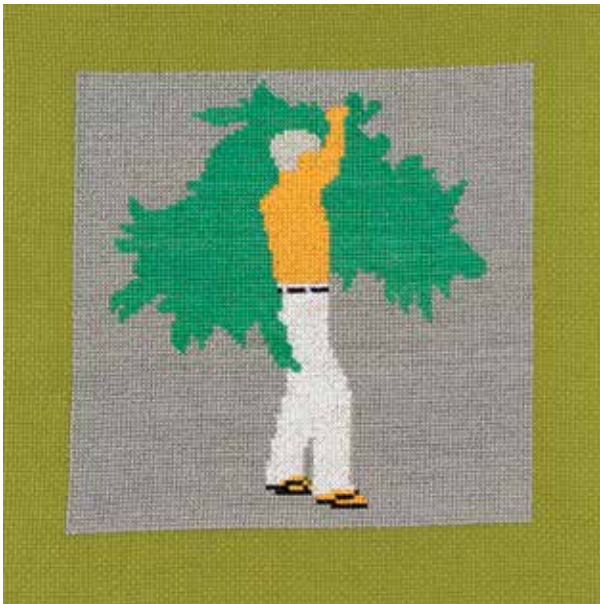
2012-05-31:14.36.28, 2013
bordado sobre tecido
50 x 50 cm

2010-11-06:22.16.40, 2013
bordado sobre tecido
50 x 50 cm

2012-07-24:22.03.33, 2013
bordado sobre tecido
24 x 24 cm

2012-10-03:17.33.19, 2012
bordado sobre tecido
24 x 24 cm





2012-11-15:19.49.12, 2013
bordado sobre tecido
32 x 32 cm

#AA1, 2012
bordado sobre
pano de prato
42 x 72 cm

#AA2, 2012
bordado sobre
pano de prato
42 x 72 cm



Texto SESC Ing

ABSENCE

Atilio Bertolucci

Absence,
The most acute presence.
A vague thought of you
vague memories
disturb the quiet hour
and the sweet sun.
The pain in your chest
takes you away,
like a stone,
light.

Ausência Aguda Presença (Absence, Acute Presence) is a collective exhibition that brings together five artists invited by artist Fabia Schnoor, to meet Espaço Sesc's proposal to participate in its "Photography in Space" program. All the pieces are related to memory, presence and absence, expanding the classical concepts of photography. As stated in the general concept of the exhibition, "although each one of these artists uses different procedures to build his own poetic language, here the confluence and contrast of the pieces render diverse articulations on the construction of the image, of memory, of absence and presence, of what it contains and of what is contained, which comes out of all pieces".¹ "The artists were invited to show their pieces together due to their use of photography as means and their dialogue with issues related to memory, time and space", remarks Fabia Schnoor.²

I gladly introduce these artists and the experimental aspects of this encounter:

Wishing to record movement, **Elisa Pessoa** started working with a super 8. Today she shows real size images on a 1:1 scale. According to the artist, this is a way to play with the confidence one has in the image as evidence of a certain reality, that is, a way to play with absence and presence. She juxtaposes projections in order to create different volumes and textures. Devices used in her work create rooms, doors and other elements that make one suspects of what he sees. Once in a while, one realizes the materiality of the images. Trying to establish some interaction with those who see her images, Elisa uses sensors for her ¼ expositions, making images react to spectators' real movements and showing what Luisa Duarte calls "that which is construction,

image and simulacrum. We are simultaneously attracted by the game which we believe in, but are constantly reminded of the 'false' aspect of this kind of relational cinema". At the present exhibit, *Encontro*, filmed with her daughter, is equally an image-simulacrum in which the artist relates her work to her own history.

"I want to create images which are open enough to lead each one to project his own feelings, references and memories", says **Yuli Anas-tassakis**. Getting together photos of family and friends, besides images from Google Street View, Yuli embroiders them, leaving the people in them without any interference from their surroundings. Embroidering to keep time from flowing, slowly reconstructing the image, resisting "the speed of time".³ The artist knows that GSV images belong to other times and spaces, they are images of what

happened and is no longer accessible. Her interest in GSV images has led her to file them according to topics that she arranges in series. She believes GSV can be considered a heterotopy – a compound of *hetero*, the Greek prefix that means 'different' and is semantically related to *alter* (the other), and *topia*, the Greek word for place, which results in what Foucault calls 'the space of the other'. It is in this space that the artist wants to interfere.

Marie-Cécile Conilh de Beyssac has been living in Brazil for eighteen months. Before that, she lived in Tokyo for seven years. When she arrived here, without knowing anyone, she started signing - on the walls, windows and mirrors of her house in Urca - her two black rectangles, a practice she started in Japan: that of ten-ten, which means image pausing or frozen image.⁴ She also started taking pictures of her studio. As the artist says,

"my new intimate environment becomes a medium... a direct creative field, not 'in progress'... but 'in discovery'!"⁵ Rio de Janeiro has been part of her life for a long time, since her grandmother was born here and her parents used to come to Rio whenever they could. Despite all that, she felt empty when she first arrived, without a studio and without her things, which were coming by ship. *Cocoons*, which she started in her Tokyo studio with the scraps left from sold paintings, was shown in her last exhibit in Japan, after her things had been shipped, and has gained a new version in Rio. It was then that she started the project *expatriates' cocoons*, an extension of what she had done in Tokyo and of her interferences in the new house. She invited expatriates to say how the word 'expatriation' inspired them. In several exhibits, the artist has shown photos

and installations; photos of still unknown everyday situations, composed of deleted parts, blanks and drawings (ten-ten and other obsessive lines) made directly on walls, windows and mirrors. These photographs are some of the pieces that will be shown at *Ausência Aguda Presença*.

Valerio Ricci Montani, graduated in sculpture by the University of Rome, lives in Rio, where he makes drawings, photos and sculptures. As he says, he likes "working with space, sometimes making sculptures, sometimes making installations".⁶ "Seeking the restlessness of reality", the artist paints by hand half of everyday objects in black. It is not a Photoshop job, because, as he remarks, "the sense of an image can change with the artist work".⁷ Next, he chooses where the objects will be photographed in large dimensions. As Alessandra Troncone wrote, "the real dialectics

between that which contains (visible) and that which is contained (invisible) is the *leitmotif* in Valerio Ricci's work, not only his sculptures, but also his drawings and recent photographic production".⁸ *Storage*, which he made during his residence at HSF (Harlem Studio Fellowship) in New York in 2009, stands out among his innumerable exhibits. It consists of 250 bricks that were made, glazed and burnt by the artist during the three months he spent there. Displayed as a large grid, the bright yellow-glazed bricks looked like a rug of gold ingots. "The bricks looked precious", says the artist. Visitors were invited to take a brick home, signing a term with their directions and the number of the piece they took. Later, each one received an authenticity seal. These owners of the bricks have become a virtual community that may rebuild the piece at any time. This work is related

to minimalist and conceptual artistic practices, as "it creates a paradoxical short-circuit between the value of things and that of experience, between investment of time and real property".⁹ In several of his works, Valerio uses constructed objects, with formal autonomy, which are presented in his photographic pieces, bringing up the discussion about the relations between bi and tridimensional dimensions, as well as the circulation of the sculptures inscribed on the images. For example, cubes of old rags, formally arranged, each color related to a person in a certain moment of his life. Or yet, *Giovane*, in which a young man putting on golden shoes, made of gold-shaded copper, is photographed.

Finally, **Fábia Schnoor**, who proposed the present exhibit: with a successful production in ceramics, she switches to contemporary art, focusing on

memory as construction. Or, as she says, "I am interested not in rescuing the past, but a part of it, the recreation of a past time in the present".¹⁰ By linking with thread the holes made by worms in a book on animals or by recreating still life pieces with photography, the artist brings up issues such as "time, choice, chance, process, construction".¹¹ Dealing with the expansion of photography and its possibilities with the other arts, Fabia relates it to painting, both in her still life pieces and her naked bodies in the dark, hiding and revealing, trying to inspire the spectator to build his own images and relations. The same is true about the use of headphones with everyday sounds, like steps, the sweeping of a broom, church bells, breathing and even garlic frying in the pan, placed inside a booth where it is written: "What photos do you have in your

file?" The artist's purpose is to help raise images mentally activated by the sounds. They are dialogues that Fabia creates by opening and expanding photography, changing it into image in its large sense.

NOTES

1. The concept of the exhibit, according to Fabia Schnoor.
2. Fabia Schnoor, as sent to the author on July, 07, 2013.
3. Yuli Anastassakis. Portfolio. Text sent to author.
4. According to the artist, "this double particle... the architect relapse, 10/10, whatever, these two rectangles got themselves in my work to such an extent that they became my signature. Reduction of too long a name, stylized quotation marks, they graphically summarize a double identity. In Rio, the 'ten-ten' comes out of my canvases to mark and take over a territory I discover and becomes mine". In: e-mail to the author on 07/03/2013.
5. E-mail from Marie-Cécile to the author, on 07/02/2013. The artist helped me to understand her trajectory. My sincere acknowledgement.
6. Valerio Ricci Montani. Conversation with the author on 06/14/2013.

7. Idem.
8. Alessandra Troncone. *Sparkling Gold is not just Outside*, in : *The Summer Issue*, 2011.
9. In: www.harlemstudiony.org | info@harlemstudiony.org
10. Fábía Schnoor. *Carbono*. Text sent to author.
11. Fábía Schnoor. Idem.

BIOGRAFIAS

ELISA PESSOA

(Rio de Janeiro, RJ, 1976)

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Estudou ciências da educação e artes plásticas na Universidade de Paris XVIII. Em 1997, iniciou seu trabalho com fotografia, Super 8 e vídeo. De suas participações em exposições destacam-se *porta-retrato* (Galeria A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, 2007), *Nova Arte Nova* (Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro e São Paulo, 2009/2010), *ARCO 08* (Madrid, 2008) e *Curta Gentil* (Galeria A Gentil Lá, 2011). Foi residente no Centre International Les Recollets (Paris, 2009). Recebeu, em 2010, o Prêmio Funarte de Arte Contemporânea com a vídeo-instalação $\frac{1}{4}$ e em 2013 a bolsa de estímulo à produção em artes visuais da Funarte com o projeto *diálogo*.

FÁBIA SCHNOOR

(Rio de Janeiro, RJ, 1976)

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Tem formação em artes visuais (EAV), design (PUC-RJ), cerâmica e arte educação. Faz uso de variados suportes e técnicas como escultura, colagem, desenho, instalação, intervenção urbana, fotografia e vídeo. Entre suas principais exposições destacam-se *Residual Benefits*, Instituto de Arte Contemporânea de Phoenix (phICA), Arizona, (EUA, 2012); *Abre Alas*, A Gentil Carioca, (RJ, 2013); *Ressonâncias Brasil-Berlim*, (Berlim, 2013); *Noite Azul Elétrico*, Mendes Wood (SP, 2013). Desde 2009, faz a intervenção urbana *Handmade*, em diversas cidades, como Rio, Bahia, Berlim, Londres e Basel, entre outros. Em 2013 é selecionada para o programa de residência Berlin Im Fokus, em Berlim.

MARIE-CÉCILE CONLH DE BEYSSAC

(Freiburg im Breisgau, Alemanha, 1965)

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Formada em Arquitetura na Faculdade EAG, Grenoble e na UP7, Paris. Estudou, pintura, fotografia, cerâmica, mixed media, instalação e arte interativa. Lecionou Design, Arquitetura e Desenho. Marie-Cécile morou em inúmeros países como França, Canadá, Espanha e Japão. Entre suas principais exposições, destacam-se *Men in Boxes*, Design Gallery, Tóquio 2011; *From Above*, Gallery Nomadica, Tóquio, 2012; *Afetos & Saberes* Escritório de Arte Martha Pagy, Rio de Janeiro, 2013; *Arte, uma Política Subversiva* TAL|TechArtLab gallery, Rio de Janeiro, 2013.

VALERIO RICCI MONTANI

(Campiglia Marittima, Itália, 1976)

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Estudou Artes visuais e Escultura na Accademia di Belle Arti di Frosinone, e é pós-graduado em Artes Visuais pela Accademia di Belle Arti di Roma, Itália. Foi residente no *Mongin Art Center* em Seoul em 2011 e na *Harlem Studio Fellowship* em New York em 2009. Principais exposições: *Colata Band!* (CIAC, Genazzano, 2011), *54ª Biennale di Venezia* (Veneza, 2011), *Mongin Open Studio* (Mongin Art Center, Soul, 2011), *Sul* (MLAC, Roma, 2011), *Italian Artists New York* (ISCP International Studio & Curatorial Program, New York, 2009). Suas obras estão presentes nas coleções de *Gilberto Chateaubriand*, MAM-Rio, *Collezione Atolico*, Roma, *Collezione Musumeci Greco*, Roma, *Nomas Foundation*, Roma.

YULI ANASTASSAKIS

(Rio de Janeiro, RJ, 1977)

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. cursou dois anos de Design na mesma universidade e fez cursos de vídeo arte, desenho e pintura na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Trabalhou durante anos como produtora de arte para cenografia. Trabalha com pintura, fotografia, colagem, desenho e bordado. Expôs na *Festa Araka*, em 2011 e no evento *Fábrica Aberta*, em 2012.

realização

SESC

curadoria

FÁBIA SCHNOOR

artistas

FÁBIA SCHNOOR

ELISA PESSOA

MARIE CECILE CONILH

DE BEYSSAC

VALERIO RICCI MONTANI

YULI ANASTASSAKIS

produção

SOMART PRODUÇÕES
ARTÍSTICAS

direção de produção

NIL CANINÉ

SÉRGIO MARTINS

assistente de produção

AILIME CORTAT

texto

GLÓRIA FERREIRA

projeto gráfico

RARA DIAS

ANA CARNEIRO

PAULA DELECAVE

revisão e tradução

FERNANDA SCHNOOR

impressão e

ampliações de fotos

EAV - PARQUE LAGE

ESTÚDIO LUPA

molduras

METARA GALERIA

assessoria de imprensa

SESC RIO

locação de equipamento

VIANAPOLE COMUNICAÇÃO

catering

MÜLLER CAFÉ & BAR

pré-impressão e impressão

IPSI GRÁFICA E EDITORA

agradecimentos

XXXXXXX

XXXXXX

XXXXXXX

XXXXXXX

XXXXXX

XXXXXXX



Rua Domingos Ferreira, 160 Copacabana 22050-012

(21) 2547.0156 www.sescrj.org.br

realização



produção

